



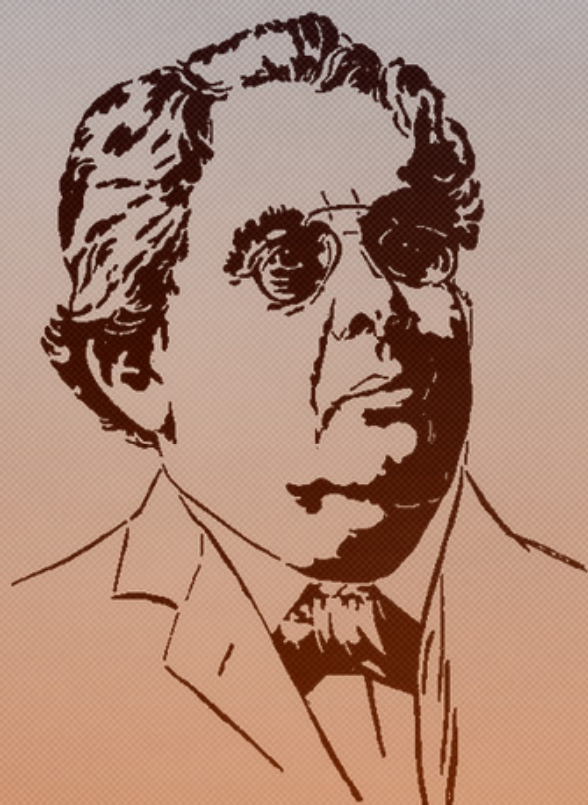
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Já 19:23

Literatura



Artur Azevedo
A almanjarra



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

A almanjarra
Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1888.

Livro Digital nº 565 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855—1908)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A ALMANJARRA

COMÉDIA EM DOIS ATOS



PERSONAGENS:

RIBEIRO
MACEDO
ERNESTO
JOANA
ROSÁLIA
ISABEL
Dois Homens.

A cena passa-se no Rio de Janeiro, em 1888.

ATO I

O teatro representa a sala de visitas da casa de Ribeiro.

CENA I

Joana, Isabel.

(Isabel, sentada junto a uma mesa redonda, que deve estar no centro, tem perto de si uma cesta de costura. Joana está sentada num canapé, à esquerda)

JOANA

Tem paciência, minha filha; resigna-te, resigna-te! este mundo é mesmo assim.

ISABEL *(enxugando os olhos)*

Mas eu gosto tanto dele, mamãe!

JOANA

Sim, acredito, mas bem deves saber...

ISABEL

E ele gosta tanto de mim...

JOANA (*aproximando-se da filha*)

Esqueçam-se um do outro.

ISABEL

Impossível.

JOANA

Que te hei de dizer? Jamais te aconselharei a que contraries a vontade de teu pai, que tão bem se tem compenetrado dos seus deveres e da sua responsabilidade.

ISABEL

Dos seus deveres de marido, não nego. Mas é assim que a senhora compreende os deveres de um pai? De que serviu essa esmerada educação que recebi? Para que ele me mandou ensinar a distinguir as coisas e as pessoas? Para atirar-me nos braços de um tolo!

JOANA

Belinha!

ISABEL (*com mais força*)

De um tolo, de um parvo, de um analfabeto, de um coisa-ruim!... Aqui tens esta mulher, este traste... toma-o, enfeita-o, e apresenta-o, vaidoso, ao mundo... é um objeto que compraste por um punhado de ouro! (*Chora*)

JOANA

Não chores, minha filha... Vê que me afliges!

ISABEL

Deixe-me chorar, mamãe. Que seria de mim, se não fossem estas lágrimas? Teria eu bastante força para resistir a tanta contrariedade?

JOANA

Olha, faze de conta que ele morreu.

ISABEL

Antes morresse. Eu morreria também. Morreríamos ambos. E já que na terra não consentem na nossa ventura, unir-nos-íamos no céu.

JOANA

Não condenes a teu pai: o muito amor que tem por ti é que o leva a descobrir nesse casamento a tua felicidade. Anda iludido. Talvez que com calma... Deixa estar... Eu falo-lhe. (*Desce ao proscênio*)

ISABEL (*erguendo-se, vivamente*)

Fala-lhe? Oh, mamãe! mamãe! (*Beijando-a*) Que bom, se conseguisse...

JOANA

Quem sabe? Serei eloquente. Mas só patrocino a tua causa sob uma condição...

ISABEL

Sei qual é: não chorar mais. Prometo. (*Enxuga bem os olhos*) Vê? Ninguém dirá que aqui estiveram lágrimas.

JOANA (*beijando-a*)

Tolinha! Vamos para a sala de jantar. O sol já bate na janela. Não se pode parar aqui com o calor. Vamos! (*Ouvindo um soluço de Isabel*) Espera; talvez saia tudo à medida dos nossos desejos.

ISABEL

Deus o permita. (*Toma o cestinho de costura*)

JOANA (*saindo com a filha*)

Ninguém mais do que eu deseja ver-te feliz. É preciso acabar de uma vez por todas com essas lágrimas que... (*Perde-se o resto nos bastidores*)

CENA II

Ribeiro, Ernesto.

RIBEIRO (*trazendo Ernesto pelo braço quase à força*)
Faça favor de entrar, senhor Alberto.

ERNESTO
E o senhor a dar-lhe com Alberto! Ernesto!

RIBEIRO (*emendando*)
Pois faça favor de entrar, senhor Ernesto. É esta a nossa humilde choupana. Não repare. Aqui tem uma cadeira: sente-se.

ERNESTO
Não sei como agradecer tanta bondade, senhor Ribeiro.

RIBEIRO
Eu é que devo agradecer, é boa! (*Chamando*) ó senhora! ó menina!

ERNESTO
Ora! não vim preparado... (*Vai a um espelho*)

RIBEIRO
Está perfeitamente. Minha mulher e minha filha não são de cerimônias. Não lhes faça muitos cumprimentos: é pô-las em mau costume, senhor...

ERNESTO (*sentando-se*)
Ernesto.

RIBEIRO (*concluindo*)
...Senhor Ernesto. (*Senta-se também*) Aqui onde me vê, tenho uma filha de dezoito anos.

ERNESTO
Ah! sim?

RIBEIRO

E se o meu Manuelito estivesse vivo, devia ter a sua idade. Que idade tem?

ERNESTO

Eu? Vinte e cinco anos.

RIBEIRO

Ele estaria com vinte e três. Ora! está no céu. Foi talvez melhor assim. Resta-me a Belinha.

ERNESTO

Belinha? Ah! é a menina?

RIBEIRO

É a menina, é. Conto muito breve convidá-lo para o casamento dela.

ERNESTO

Deveras?

RIBEIRO

Nada, que elas, em chegando a certa idade, é preciso arrumá-las; quando não, ficam para aí tias, e não acham quem as pretenda, a não ser algum troca-tintas, mais namorado do dote que de outra coisa.

ERNESTO

Tem razão. E o nome do noivo? É segredo?

RIBEIRO

Segredo? Eu não tenho segredos. O noivo é o Comendador Domingos Bastos, conhece?

ERNESTO

Conheço um Comendador Domingos Bastos, mas não pode ser esse.

RIBEIRO

Por quê?

ERNESTO

Porque... esse já não é criança.

RIBEIRO

E julga o senhor que eu dava minha filha a uma criança?

ERNESTO

Ah, isto é um modo de falar.

RIBEIRO

O Domingos é um homem honrado... Não teve a glória de inventar a pólvora, não é nenhum fura-paredes, mas tem muito bom senso e uma boa dúzia de patacas.

ERNESTO

Mas é que...

RIBEIRO

E que o quê?

ERNESTO

Uma menina de dezoito anos...

RIBEIRO

Ora pelo amor de Deus, senhor... Alberto não?

ERNESTO

Ernesto.

RIBEIRO

Ora pelo amor de Deus, senhor Ernesto! Também é dos tais? Não admira: na sua idade... Achava talvez mais acertado casá-la...

ERNESTO

Perdão, não digo isso, nem é da minha conta o que se passa no seio de sua família. Naturalmente a menina estima o seu noivo, e nesse caso...

RIBEIRO

Engana-se. A Belinha não quer vê-lo nem pintado. Anda embeijada por um pelintra, e não há meio de fazê-la chegar-se ao rego.

ERNESTO

Nesse caso, desculpe a franqueza de um indivíduo que conhece apenas de alguns minutos: faz muito mal, senhor Ribeiro. Os casamentos de conveniência são sempre muito inconvenientes.

RIBEIRO

Ora aí vem o senhor! Não admito que ninguém mais do que eu se interesse pela felicidade de minha filha. Prezo-me de ser bom pai.

ERNESTO

A seu modo. A intenção é boa; os efeitos é que são detestáveis.

RIBEIRO

Sabe que mais? Vou fazer cinquenta e quatro anos, senhor Alberto. (*Ernesto encolhe os ombros*) Tenho levado uma vida bem governada, e de muito me tem servido a experiência do mundo. Quando me casei, a madama, se quer que lhe diga, não trouxe lá muito boa cara da casa do pai. O homem era da minha têmpera. Podia ignorar muita coisa, mas sabia perfeitamente onde tinha o nariz. Ora adeus! minha mulher em pouco tempo estava que não parecia a mesma. Temos sido muito felizes.

ERNESTO

Não se argumenta com exceções.

RIBEIRO

O mesmo há de acontecer à Belinha. A princípio muito desgosto, muita choradeira... (*Arremedando*) Quero ir pro convento! Vou tomar

verde-paris! Não toco mais piano! (*Naturalmente*) E depois? Ai, meu maridinho, aonde te porei?

ERNESTO

Nem sempre assim sucede. (*Ergue-se*) Olhe, em mim tem o senhor um exemplo. (*A meia voz*) Eu gostava muito de uma moça...

RIBEIRO (*erguendo-se*)

Sim?

ERNESTO

Que foi obrigada a casar-se com outro homem.

RIBEIRO

Sim?

ERNESTO

É uma história muito comprida. Se soubesse quanto sofremos!

RIBEIRO

Sim?

ERNESTO

Quanto sofremos ainda!

RIBEIRO

Pois continuam?

ERNESTO

Se continuamos!

RIBEIRO

E ela... está... casada?

ERNESTO

Há oito meses.

RIBEIRO

E mostra-lhe ainda muita amizade?

ERNESTO

Amizade? Nenhuma.

RIBEIRO

Ah!

ERNESTO

Mas muito amor...

RIBEIRO

Oh!

ERNESTO

Amor veemente, entranhado, profundo... amor que só com a morte acabará um dia. Pois essa imoralidade que a igreja santifica e a sociedade legaliza, o casamento de conveniência, é lá bastante forte para destruir o sentimento do amor em dois corações apaixonados e jovens?

RIBEIRO

É poeta! Está perdido!

ERNESTO

Aceite o meu conselho, senhor Ribeiro: deixe à menina a livre escolha do seu noivo, e pese bem as consequências de uma união forçada!

RIBEIRO

Ora as consequências! Uma recordação que naturalmente não se pode desvanecer em seis ou oito meses... mas que depois... em vindo a filharada...

ERNESTO

Mas saiba, meu caro senhor Ribeiro, que eu vou à casa dela...

RIBEIRO

Fale mais baixo!

ERNESTO (*baixando a voz*)

...quando o marido não está, bem entendido. (*Gesto de admiração de Ribeiro*) Devo parecer-lhe muito leviano contando-lhe estas coisas... mas quero abrir-lhe os olhos... Ainda o outro dia... (*Rindo-se muito*) Ah! ah! ah! Não posso lembrar-me – sem que me ria! (*Rindo-se mais*) Ah! ah! ah!

RIBEIRO (*rindo-se, ainda sem saber de quê*)

Eh! eh! eh! Então que foi?

ERNESTO (*rindo-se sempre*)

Estávamos ela e eu, na sala de visitas (porque, é preciso notar, nunca passei da sala de visitas), e dizíamos um ao outro, essas mil frivolidades de amor que jamais variam e, no entanto, sempre nos parecem novas, quando ouvimos passos no corredor!

RIBEIRO (*rindo-se muito*)

Querem ver que era o cujo?

ERNESTO

Pois quem havia de ser? Não tive outro remédio senão esconder-me num guarda-roupa...

RIBEIRO (*muito sério, puxando-o por um botão do casaco*)

Agora espichou-se... Um guarda-roupa na sala de visitas?

ERNESTO (*muito sério*)

Sim, senhor. E eu lhe explico... e eu lhe explico... Eles mudaram-se há pouco tempo... e o guarda-roupa, um guarda-roupa imenso, disforme, incomensurável, um guarda-roupa que parece uma catedral, não coube em nenhum dos quartos... foram obrigados a colocá-lo na sala de visitas... até que o substituam, ora aí está!

RIBEIRO

De modo que foi uma providência?

ERNESTO

Naturalmente. Se não fosse o guarda-roupa... Mas que estafa! Passei hora e meia dentro daquela fornalha!

RIBEIRO

Bem feito. Não lhe ficou vontade de lá voltar.

ERNESTO

Ao guarda-roupa? Não, decerto. Mas na sala já eu estive duas vezes depois disso.

RIBEIRO

Ah, rapazes! rapazes!

ERNESTO

Este exemplo deve aproveitar-lhe: não dê a menina ao Comendador Domingos Bastos...

RIBEIRO

Ora adeus! De que vale o homem sem dinheiro?

ERNESTO

E de que vale o dinheiro sem homem?

RIBEIRO

Mas esta gente que não vem! Ah! falai no mau...

CENA III

Os mesmos, Joana, Isabel.

JOANA

Chamaste-nos, Manuel?

(Cumprimentos mudos entre as duas senhoras e Ernesto)

RIBEIRO

Desejo que conheçam o meu salvador!

JOANA

O teu salvador!

RIBEIRO

É verdade! Este senhor salvou-me a vida!

ERNESTO

Seu esposo exagera, minha senhora: foi obra do acaso; não fiz mais do que faria outro qualquer no meu lugar; entretanto, pegou-me no braço, obrigando-me a acompanhá-lo até cá, para apresentar-me a vossas excelências...

RIBEIRO

Alto lá! Aqui não admito Excelências nem Senhorias! Guarde essas farófas para o *high-life*. Minha família dispensa-as.

JOANA

Decerto, senhor... Como se chama?

RIBEIRO

Alberto.

ERNESTO

Ernesto de Barros, um seu criado.

RIBEIRO

Ernesto, Ernesto, sempre me engano. (*Senta-se; todos o imitam*) Obra do acaso. É muito boa! Também o nascimento é obra do acaso, e a gente a quem mais ama, abaixo de Deus, é a seu pai e a sua mãe. Ora imaginem que ia eu para a Guarda-velha encomendar cinquenta garrafas de cerveja para casa, quando, ao passar pelo Largo da Carioca, uma maldita casca de banana me faz escorregar e

cair sobre os trilhos justamente na ocasião em que ia passar um bonde.

JOANA
Meu Deus!

ERNESTO
Ora! o bonde ainda vinha a meia légua...

RIBEIRO
Ora viva, meu amigo, se o senhor não me houvesse puxado para fora dos trilhos...

ERNESTO (*modestamente*)
Qual!

RIBEIRO
Estávamos a estas horas... você sem marido... você sem pai... e eu sem vida. Eu é que ia mais no meio.

JOANA
Vejam que brincadeira!

RIBEIRO
Ergo-me debaixo de um coro de gargalhadas.

ERNESTO
Os homens são perversos. Todos se riem quando alguém leva um trambolhão.

JOANA
Confesso o meu pecado, senhor Ernesto... se vejo alguém cair, quero ficar séria e não posso. É um riso involuntário.

RIBEIRO
E então as senhoras que têm sempre a caninha n'água! (*Continuando a narração*) Mas como ia dizendo, ergo-me... ou antes, o senhor

Alberto ergue-se, eu tomo-lhe o braço, e obrigo-o a vir até cá para apresentá-lo a vocês, dizer-lhes quem é, etc. Conto que fique amigo da casa, e não deixe de nos visitar algumas vezes.

JOANA

Decerto. É solteiro, senhor Ernesto?

ERNESTO

Solteiro, minha senhora.

JOANA

Mas tem família aqui?

ERNESTO

Nem aqui nem em parte alguma. A varíola o ano passado roubou-me o derradeiro parente.

JOANA

Fica para almoçar conosco?

ERNESTO

Sinto não poder aceitar o convite de vossa excelência...

RIBEIRO

Ah?

ERNESTO (*rindo-se*)

Da senhora. Costumo almoçar em casa do patrão, e são quase horas...

RIBEIRO

O senhor Ernesto é guarda-livros de uma casa muito importante. (*A Isabel, que desde o princípio da cena tem estado triste, a folhear um álbum*) Então, menina? você não diz nada? parece matuta!

ISABEL

Nada tenho que dizer.

ERNESTO

Tenho notado que está triste, minha senhora...

ISABEL

É o meu natural.

RIBEIRO

Deu-lhe pr'ali, Senhor... Ernesto: as mulheres são mesmo assim: qualquer coisa as amofina como as alegre; choram por um nada e riem-se por dá cá aquela palha.

ERNESTO

Não diga isso. Quantas vezes se enganam os homens que assim pensam! As mulheres são uns pobres entes, cujos direitos desconhecemos, cuja liberdade cerceamos. Quantas angústias silenciosas, quantas dores que não se *dizem*, quantos sentimentos que se calam justificam essas lágrimas sinceras e apaixonadas, a que eles emprestam sempre uma origem fútil, irrisória, ridícula!

RIBEIRO

Com licença: vou tirar esta albarda... Em casa não posso estar senão de rodaque. (*Sai*)

CENA IV

Ernesto, Joana, Isabel, depois Ribeiro.

ISABEL

Papai não toma estas coisas a sério. Diz que é poesia.

JOANA

Em nome do meu sexo, agradeço a generosidade de suas palavras, senhor Ernesto.

ERNESTO

Nada tem que agradecer, minha senhora; é a verdade... Quem sabe se Dona Belinha...

ISABEL

Quem disse ao senhor que eu me chamava Belinha?

ERNESTO

Foi o senhor seu pai.

ISABEL

Ah!

ERNESTO

Quem sabe se não tem mágoas secretas?

ISABEL (*vivamente*)

Eu não, senhor.

ERNESTO (*a Joana*)

A vossa excelência compete sondar aquele coração.

JOANA

As mães não sondam; adivinham. São como certos médicos experimentados, que não precisam tomar o pulso ao doente para saber se tem febre.

ERNESTO

Tem tão bons olhos?

JOANA

Os olhos do coração veem muito longe.

ERNESTO

E o senhor Ribeiro... não os terá míopes?

ISABEL (*vivamente*)

Cegos, completamente cegos!

JOANA
Belinha!

ERNESTO
Sei a história do seu projetado casamento.

JOANA
Ele disse-lhe?

ERNESTO
Não está completamente cego: tem cataratas apenas. As cataratas operam-se com facilidade.

JOANA
Sim, mas falta o cirurgião.

ISABEL (*vivamente*)
O cirurgião deve ser a senhora.

ERNESTO
Eu poderei ajudá-la, se quiser.

JOANA
O senhor?

ISABEL
Oh! Como eu lhe agradeceria!

ERNESTO
Ele aí vem. (*Indo ao encontro de Ribeiro, que entra de roda que*) senhor Ribeiro, dê-me as suas ordens.

RIBEIRO
Já?

ERNESTO

São horas. Hoje parte um vapor para o Sul... está a correspondência por fazer...

RIBEIRO

Não quero desviá-lo de suas obrigações.

JOANA

Mas, no domingo, há de vir jantar conosco; sim?

RIBEIRO

Bem lembrado! Deita-se mais uma caneca d'água na sopa. Veja lá se vai altar.

ERNESTO

Serei pontual. (*Aperta as mãos às senhoras*) Minhas senhoras...

ISABEL

Até domingo, senhor Ernesto.

JOANA

Estimei muito conhecê-lo, e agradeço de coração o serviço que...

ISABEL

Também eu, senhor Ernesto.

ERNESTO

Pelo amor de Deus, minhas senhoras! Até domingo. (*Vai apertar a mão de Ribeiro*)

RIBEIRO

Acompanho-o até a escada.

ERNESTO

Nada, não se incomode.

RIBEIRO

Ora!

(Insiste. Novas e últimas cortesias. Ribeiro e Ernesto saem pelo fundo)

CENA V

Joana, Isabel.

ISABEL

Não lhe pareceu tão bom moço, mamãe?

JOANA

Sim, sim; mas vai lá para dentro: quero falar a teu pai.

A VOZ DE RIBEIRO

Ponha o chapéu, senhor Alberto!

A VOZ DE ERNESTO

Ernesto!

(Ouve-se Ribeiro rir)

ISABEL

Vai falar-lhe a meu respeito, mamãe?

JOANA

Pois então? Vai, vai para o teu quarto, e não nos venha interromper.

CENA VI

Joana, Ribeiro.

RIBEIRO

Eh! eh! eh! Parece-me um excelente rapaz... apesar do guarda-roupa.

(Vai saindo pelo lado)

JOANA *(sentada)*

Manuel?

RIBEIRO (*parando*)

Hein?

JOANA

Venha cá, sente-se perto de mim.

RIBEIRO

Temos namoro? Olha, mulher, que isto, depois de vinte e quatro anos de casados, não tem mais graça. (*Sentando-se*) Cá estou. Que deseja?

JOANA

Desejo saber que papel represento nesta casa.

RIBEIRO

Oh! essa agora!

JOANA

Desejo saber que papel...

RIBEIRO

Já ouvi, já ouvi, que não sou surdo; mas ainda não pude perceber o sentido de suas palavras.

JOANA

Trata-se do futuro de sua filha.

RIBEIRO

Logo vi.

JOANA

E sua filha também é minha.

RIBEIRO

Naturalmente; é nossa.

JOANA

É até mais minha do que sua; eu sou sua mãe... o senhor é apenas pai.

RIBEIRO

Apenas.

JOANA

É de bom aviso, me parece, consultarem-se as mães quando se pretende dispor dos filhos.

RIBEIRO (*depois de uma pausa*)

Respondo sem retóricas nem palanfrórios. Olhe bem para mim; parece-lhe que tenho um *t* na testa?

JOANA

Eu é que lhe devia fazer essa pergunta.

RIBEIRO

Se a fizesse, eu responderia que sim. (*Levanta-se*) Era o que faltava! eu, que envelheci no trabalho, que tenho o espírito amadurecido, devia, para tomar uma resolução cuja responsabilidade é minha, imediatamente minha, consultar uma senhora, e então uma senhora quatorze anos mais nova do que eu! (*Joana encosta a fronte na mão*) Para quê? Para ouvir destas e outras. Não! não é bom que dê a nossa filha a esse homem honrado e maduro para quem a destinaste; vai ao jardim do Santana, vai à Rua do Ouvidor, e procura um peralvilho, um boneco, e mete-o em casa, e dá-lhe cama, mesa, roupa lavada e engomada, e tua filha, e nossa filha também! (*Pausa, durante a qual passeia de um lado para outro, com as mãos nos bolsos das calças*) Quando eu a pedi, isto é, quando ma deu seu pai, lembra-se?... a senhora batia com os pés e arrancava os cabelos, maldizendo uma sorte invejável... (*Joana encara-o fixamente*) Invejável, sim, senhora! Tomaram-na muitas, e mais pintadas! Nessa ocasião consultou seu pai a sua mãe? Diga! (*Pausa*) Não consultou, não, senhora! Meu sogro era dos meus, e minha sogra lia romances,

e a senhora também os lê, e sua filha, e nossa filha, que para isso é que serve o dinheiro que gastei com os mestres.

JOANA

Atende, Manuel... é em nome da felicidade de Belinha que te falo!

RIBEIRO

E nós não fomos tão felizes?

JOANA

Foste-o tu; eu não!

RIBEIRO

Hein?

JOANA

Sim, porque fui sacrificada à vontade de ferro de meu pai; porque fui obrigada a renunciar a todas as minhas aspirações, e vi desfeitos, como um castelo de fumo, todos os meus sonhos de ventura. Obedeci. Pois que o tempo se encarrega de tudo aniquilar, sou feliz agora, sou feliz, entendes? Porque me revejo em minha filha. Muito será condená-la também ao sacrifício; muito será renovar contra essa pobre criança a penosa situação que precedeu o nascimento do nosso primeiro filho.

RIBEIRO

Que queres tu dizer, mulher?

JOANA

Só depois do seu nascimento principiei a amar-te. Odiei-te a princípio, porque não te podia amar; amei-te depois, porque Deus mo ordenava nos sorrisos de nosso filho.

RIBEIRO

A tua situação penosa só durou um ano. É muito sacrificar Belinha a um ano de provação?

JOANA

Mas durante esse tempo a mulher tentada vacila muitas vezes entre o amor e o dever.

RIBEIRO

A mulher tentada?!... e foste-o tu?!... Tentaram-te?!...

JOANA

Sim. E vacilei. Sossega: venci.

RIBEIRO (*com um suspiro de alívio*)

Ah!

JOANA

Mas cartas sobre cartas recebi, que...

RIBEIRO

Cartas?!

JOANA

Ei-las! (*Tira da algibeira um maço de cartas*)

RIBEIRO

Fechadas... Estão fechadas?

JOANA

Fechadas há vinte e quatro anos. Não as abri, para provar-te a minha honestidade quanto tas apresentasse mais tarde, intercedendo por uma filha que, por ventura, o céu nos desse, como nos deu. Eu fui forte, e venci; ela pode ser fraca, e ceder. Vê o que fazes!

RIBEIRO (*guardando as cartas*)

Histórias! Caso-a com o Comendador, e caso-a bem!

JOANA

O moço a quem ela ama e com quem deseja casar-se é de boa família e tem um meio de vida honesto.

RIBEIRO

Não me agrada.

JOANA

Também não agradava a meu pai aquele que eu amei, e no entanto...

RIBEIRO

Foi presidente de província e até ministro; mas caiu o partido, e hoje não passa de um pobre advogado sem renda certa. Ora viva!

JOANA (*brandamente*)

Convence-te, Manuel.

RIBEIRO (*de mau humor*)

Convencer-me de quê? De uma asneira? A pequena ou casa-se com o Comendador, ou faço uma estralada que vai tudo raso!

CENA VII

Joana, Ribeiro, Isabel.

ISABEL (*entrando e lançando-se aos pés do pai*)

Papai!

RIBEIRO (*embaraçado*)

Levante-se, menina! Tenha juízo! Não seja tola!

ISABEL (*erguendo-se e caindo banhada em lágrimas nos braços da mãe*)

Mamãe!

A VOZ DE MACEDO

Licença para mais dois!

(Isabel limpa apressadamente as lágrimas e disfarça. Rosália aparece ao fundo, acompanhada por Macedo)

RIBEIRO

Entra, Macedo. Dona Rosália, vá entrando.

CENA VIII

Joana, Ribeiro, Isabel, Macedo, Rosália.

(Macedo dirige-se a Ribeiro; e Rosália, a Joana e Isabel)

MACEDO

Como vai isso?

ROSÁLIA

Como estão?

(Abraços, beijos, etc. Rosália vai cumprimentar Ribeiro; Macedo, Joana e Isabel)

RIBEIRO

Vou indo. A senhora cada vez mais bela!

MACEDO

Ora vivam, minhas senhoras!

AS DUAS

Senhor Macedo...

(Jogo de cena ao cuidado do ensaiador)

MACEDO

A menina tem os olhos vermelhos. Esteve a chorar?

ROSÁLIA

É verdade, agora reparo, Belinha! Que tens tu?

ISABEL

Nada...

MACEDO

Quem bem nada não se afoga. Eh! eh! eh!...

RIBEIRO

Asneiras... morreu-lhe um dos passarinhos...

MACEDO

E; as mulheres não choram senão... (*Benzendo-se*) Padre, Filho, Espírito Santo!

JOANA

Senão por quê, senhor Macedo?

ROSÁLIA

Desculpe, Dona Joana: meu marido não sabe o que diz.

(*Grupo das três senhoras*)

MACEDO

Já tardava um remoque... (*Entre dentes*) Malcriada! (*A Ribeiro*) Minha mulher queria almoçar hoje com vocês, e eu acompanhei-a porque preciso falar-te.

RIBEIRO

Estou às tuas ordens.

ROSÁLIA

A causa principal da minha visita é saber por que as senhoras não têm aparecido... Depois que nos mudamos, ainda não nos deram esse prazer...

JOANA

E que tal a casa nova?

ROSÁLIA

Eu dou-me bem em toda a parte.

MACEDO

Tem bons *cômodos*, mas todos muito acanhados. (*A Ribeiro*) Imagina que o guarda-roupa está na sala de visitas, porque não cabe em nenhum dos quartos!

RIBEIRO

Hein?

ROSÁLIA

É verdade; temos que substituí-lo por outro mais pequeno. Também uma almanjarra daquelas!

MACEDO

Nunca vi um guarda-roupa tão grande! Podia uma família morar lá dentro à vontade. Eh! eh! eh!...

ROSÁLIA (*a Isabel*)

Disseram-me que você foi às últimas corridas com um vestido muito bonito... há de mostrar-mo.

ISABEL

Com todo o prazer.

MACEDO (*a Ribeiro*)

Minha mulher gasta uma fortuna em vestidos! Padre, Filho, Espírito Santo!

JOANA

Com licença; vou dar algumas ordens para o almoço. Dona Rosália, querendo entrar, nada de cerimônias. A senhora sabe. (*Vai saindo e volta*) Dê-me o seu chapéu e a sua capa.

(Rosália dá-lhe o chapéu e a capa. Joana sai. Rosália e Isabel, abraçadas, vão para o fundo)

RIBEIRO *(a Macedo)*

Mas sobre que me querias falar?

MACEDO

Sobre esta carta que recebi de um freguês de Minas, pedindo-lhe uma moratória. Quero que me aconselhes Sobre este negócio... Ah! tu és um homem feliz: liquidaste a tua casa, vives dos teus rendimentos, não tens que dar satisfações a ninguém... Invejo o seu sossego! Pudesse eu, e faria o mesmo.

RIBEIRO

Deixa-te disso... Dá-me a carta, e vamos para o gabinete, onde estaremos à vontade...

MACEDO

Vamos. *(Saindo com Ribeiro, a Isabel, que desce ao proscênio, sempre abraçada a Rosália)* Então, menina, o passarinho foi-se, hein? Eh! eh! eh!...

(Saem Ribeiro e Macedo)

CENA IX

Rosália, Isabel.

ROSÁLIA

Idiota! *(Outro tom)* Vamos lá!... agora que estamos sós... diga-me: por que estava chorando?

ISABEL

Você para que o pergunta, se não me dá remédio?

ROSÁLIA

Quem sabe? O remédio pode vir de quem menos se espera.

ISABEL

Papai quer por força que eu me case com o Comendador Domingos Bastos... um homem impossível...

ROSÁLIA

Conheço; parece-se muito com meu marido.

ISABEL

Você sabe que eu gosto muito do Alfredo Lemos, e que o Alfredo Lemos gosta de mim.

ROSÁLIA

E seu pai também sabe disso?

ISABEL

Sabe; mas é inflexível. Não cede nem às minhas lágrimas nem aos pedidos de mamãe. Oh, Rosália! que será de mim?

ROSÁLIA

A mesma pergunta fazia eu quando era noiva daquele tipo. Hoje não me queixo. Você quer um conselho? Obedeça a seu pai; case-se, e, depois de casada, continue a gostar do outro.

ISABEL

Rosália!...

ROSÁLIA

Admira-se desta linguagem? Que quer? O casamento perverteu-me: já não sou a mesma. É provável que venham a falar de mim... é possível até que já se fale... Mas que me importa uma sociedade que consente no nosso sacrifício, que não tem uma voz que se levante em nosso favor?

ISABEL

Rosália!

ROSÁLIA

Quando me casei, exigiram que me esquecesse dele. Debalde protestei. Levaram-me a uma igreja como se me levassem a um leilão, e deram-me aquele ridículo companheiro para toda a vida. Para toda a vida, Belinha! Faltou-me energia; não me falta amor. Não tive forças para repelir o marido; é natural que as não tenha para repelir o amante.

ISABEL

Pois você? Oh!...

ROSÁLIA (*resoluta*)

Sim, ele vai à minha casa... à minha própria casa nas horas em que meu marido não está. (*Isabel afasta-se instintivamente*) Oh! não se afaste de mim... não sou ainda uma mulher impura... entretanto, não sei se terei forças para não aviltar e materializar o meu afeto... Ele nunca passou da sala de visitas... A princípio fiz-me esquiva à sua presença... fingi muitas vezes que não gostava de o ver ali... mas saboreava intimamente o inefável prazer da sua companhia... Hoje, sou a primeira a pedir-lhe que volte... Como acabará isto, meu Deus? (*Rindo-se*) Ah! ah! ah! ainda o outro dia... (*Rindo-se mais*) Ah! ah! ah! A coisa tem graça realmente!

ISABEL (*sorrindo tristemente e com algum interesse*)

Que foi?

ROSÁLIA

Estávamos juntos; ele falava-me de amor; dizíamos não sei o quê... quando, de repente, ouvimos passos no corredor...

ISABEL

Era seu marido?

ROSÁLIA (*fazendo um sinal afirmativo com a cabeça e rindo-se*)

Não tive outro remédio senão escondê-lo... sabe aonde? Ah! ah! ah! No tal guarda-vestidos! Na almanjarra! (*Rindo-se nervosamente*) Case-se, Belinha, case-se, case-se! Não se importe!

CENA X

Rosália, Isabel, Ribeiro, Macedo, depois Joana.

MACEDO (*continuando uma conversa*)

Pois grande novidade me dá você! O casamento é pechincha, lá isto é, mas tenho pena do Domingos. Isto de homens de certa idade terem de aturar crianças... Eu que o diga! (*Aponta para Rosália*)

RIBEIRO

Hein!

MACEDO

Eu que o diga! Padre, Filho, Espírito Santo!

(Ribeiro fica pensativo)

ROSÁLIA (*a Isabel*)

Olhe só para aquela cara!

JOANA (*entrando*)

Vamos almoçar.

RIBEIRO (*como despertando*)

Vamos!

MACEDO

Boa notícia para o pai da criança! Eh! eh! eh! eh! eh!

RIBEIRO (*vendo que Rosália e Isabel não se mexem*)

Ah! não querem? (*A Macedo*) Sabes que mais? Vamos indo. Elas que venham quando lhes apertar a fome.

MACEDO

Ai, Ai! Vamos nus que eu levo a roupa! Eh! eh! eh! eh! eh!... (*Saem os dois*)

CENA XI

Isabel, Rosália, Joana.

ROSÁLIA (*erguendo-se, a Isabel*)

Vamos, vamos também. (*Encaminha-se para a porta*)

JOANA (*em voz baixa a Isabel, que se ergue*)

Não desesperes.

ISABEL

Ora, mamãe, se não houver outro remédio que hei de eu fazer, senão casar-me com o Comendador? (*Vai dar o braço a Rosália e saem ambas acompanhadas por Joana, que se mostra estupefata*)

ATO II

O teatro representa a sala de visitas da casa de Macedo. A direita, o enorme guarda-roupa de que se falou no primeiro ato.

CENA I

Ernesto, Rosália, ambos sentados.

ERNESTO (*levantando-se e consultando o relógio*)

Bom... são horas...

ROSÁLIA

Tão cedo...

ERNESTO

Não posso ficar mais tempo... temos amanhã pacote para o Norte, e a correspondência está por fazer.

ROSÁLIA (*tomando-lhe a mão*)

Até quando?

ERNESTO
Até sábado.

ROSÁLIA
As mesmas horas?

ERNESTO
As mesmas horas. Não se esqueça do sinal... meia folha da janela encostada. Senão, não entro. Adeus (*Beija-lhe a mão, vai a sair e para em frente ao guarda-roupa*) Não olho para este diabo, que não me lembre daquela hora e meia que passei lá dentro... Quando se remove daqui este colosso?

ROSÁLIA
Creio que hoje mesmo sairá de casa. Meu marido ficou de mandar cá um homem para desarmá-lo e levá-lo não sei para onde. (*Abre o guarda-roupa*) Olhe... já está vazio.

A VOZ DE MACEDO
Subam! subam!

(*Rosália dá um grito; Ernesto mete-se no guarda-roupa; ela fecha-o e guarda a chave*)

CENA II

Ernesto, no guarda-roupa; Rosália, Macedo, dois homens.

MACEDO
Entrem. (*Apontando para o guarda-roupa*) Está ali o bicho! Podem desarmá-lo.

PRIMEIRO HOMEM
Xi!

SEGUNDO HOMEM

Que monstro!

(Encaminham-se ambos para o guarda-roupa)

MACEDO

Que é da chave?

ROSÁLIA

Um instante... Não quero desfazer-me deste móvel.

MACEDO

Hein?

ROSÁLIA

Não quero que ele saia de casa.

MACEDO

Pois a senhora não foi a própria a pedir-me que o pusesse fora de casa quanto antes? Ainda esta manhã não conversamos a esse respeito? Não fiquei de trazer estes homens para desarmá-lo e levá-lo? A senhora não o esvaziou ontem à noite?

ROSÁLIA

Pois sim, mas refleti e arrependi-me. É um belo traste; não se encontram dois assim no Rio de Janeiro.

MACEDO

Isto é verdade: este é único. Mas a senhora há de convir que não é um móvel próprio para se ter na sala de visitas... e nós não temos outro lugar na casa onde o possamos acomodar.

ROSÁLIA

Não ficamos nesta... procuraremos outra, onde haja um quarto em que ele caiba.

MACEDO

Não ficamos nesta casa? Padre, Filho, Espírito Santo! Pois se ainda esta manhã a senhora disse-me que nunca morou numa casa que lhe agradasse tanto!

ROSÁLIA

Eu disse isso?

MACEDO

Sim, senhora!

ROSÁLIA

Então foi por ironia. É uma casa impossível edificada num terreno pantanoso. Estou aqui, estou doente.

MACEDO

Valha-me Deus! A senhora é a moça mais caprichosa que o sol cobre!

ROSÁLIA

É possível. Se não me queria assim, não se casasse comigo.

MACEDO

Tem razão, tem razão... Não me posso queixar senão de mim mesmo. Quem me mandou?

ROSÁLIA

Lembre-se de que não estamos sós.

MACEDO (*aos homens*)

Tenham paciência... A senhora não quer que esta almanjarra saia de casa. Pois que não saia. Tomem lá dez tostões pelo trabalho de cá vir, e desculpem a maçada. (*Dá dinheiro aos homens*)

PRIMEIRO HOMEM

Muito obrigado.

SEGUNDO HOMEM

Em precisando de nós, lá estamos. A senhora pode mudar de resolução...

MACEDO

Bem, bem. Adeus. (*Os homens saem*)

CENA III

Rosália, Macedo.

MACEDO (*sentando-se*)

Pois saiba que comprei para a senhora, em casa do Costrejean, um guarda-roupa catita, com três espelhos e...

ROSÁLIA

Prefiro este. Pode desfazer a compra.

MACEDO

Naturalmente. Se temos este, que vale por dez, para que outro?

ROSÁLIA

É. (*Pausa*) O senhor fica?

MACEDO

Fico. Se adivinhasse, não tinha cá vindo; limitava-me a mandar os homens. Uma vez que vim, fico. Que vou fazer no armazém a estas horas? De mais a mais, está muito calor lá em baixo na cidade. Jantaremos juntos pela primeira vez em dia de semana. (*Levanta-se e contempla o guarda-roupa*) – Que diabo! é mesmo um monstro, como lhe chamou aquele mariola! Onde tinha eu a cabeça quando comprei isto? Mas... por que o fechou?

ROSÁLIA

Por nada; fechei-o por fechar.

MACEDO

Isso não é resposta que se dê.

ROSÁLIA

Tanto é que a dei.

MACEDO

Não há efeito sem causa. Acho esquisito que a senhora fechasse um guarda-roupa vazio.

ROSÁLIA

E quem lhe diz que ele está vazio?

MACEDO

Ora essa!

ROSÁLIA

Eu posso ter alguma coisa lá dentro guardada.

MACEDO

Ora qual! o que poderia a senhora guardar ali?

ROSÁLIA

Tanta coisa! Um homem, por exemplo.

MACEDO

Um homem!... Com essas coisas não se graceja, menina!

ROSÁLIA

Pois não acha esquisito que eu fechasse um guarda-roupa vazio? O senhor que o disse, é porque alguma suspeita lhe atravessou o espírito.

MACEDO

Padre, Filho, Espírito Santo! Eu podia lá imaginar semelhante coisa!

ROSÁLIA

Tanto imaginou, que está doido por me pedir a chave.

MACEDO

Eu, menina?! Fique-se lá com a chave e, pelo amor de Deus, não diga tolices!

ROSÁLIA

Pois saiba que está ali dentro um homem!

MACEDO

Rosália!

ROSÁLIA

Se quiser convencer-se, abra e verá. Aqui tem a chave.

MACEDO

A menina quer divertir-se à custa de seu marido? Lembre-se que eu podia ser seu pai!

ROSÁLIA (*com um suspiro*)

Lembro-me, sim, e a todo o instante... (*Apresentando-lhe a chave*)
Então? não quer certificar-se?

MACEDO

Ora não me aborreça!

ROSÁLIA

Mas veja que estou falando sério... Na sua ausência veio só um homem... um bonito rapaz de quem eu gosto... e já se despedia, quando o senhor entrou inesperadamente... Ele ficou atrapalhado, escondeu-se ali... e eu fechei-o à chave. Aí está a razão por que não consenti que tocassem no guarda-vestidos.

MACEDO

Eu previno-a de que estas brincadeiras são de muito mau gosto!

ROSÁLIA

O senhor ia ficar em casa... infalivelmente tudo descobriria... prefiro dizer-lhe tudo... e entregar-lhe a chave. Mas acautele-se: o homem que lá está metido é resoluto e valente.

MACEDO (*tomando a chave*)

Eu vou abrir o guarda-roupa... Mas veja lá! Se estiver vazio, zango-me, porque não tolero brincadeiras desta ordem!

ROSÁLIA

E se não estiver vazio?

MACEDO

Se não estiver?... (*Caindo em si*) Isto é, zango-me se não estiver... A senhora obriga-me a dizer tolices! (*Aproxima-se do guarda-roupa e mete a chave na fechadura*)

ROSÁLIA (*com muita serenidade*)

Senhor Macedo?

MACEDO (*voltando-se*)

Senhora?

ROSÁLIA

Venha cá... Aproxime-se. (*Ele obedece*) Ponha-se de joelhos...

MACEDO

Hein?

ROSÁLIA

De joelhos!

MACEDO

Menina...

ROSÁLIA

Então? não ouve? (*Macedo ajoelha-se*) Peça-me perdão.

MACEDO

Perdão, por quê?

ROSÁLIA

Por ter duvidado de mim. Peça-me perdão, ou vou imediatamente para casa de meus pais!

MACEDO

Padre, Filho, Espírito Santo! quem foi que lhe disse que eu duvidei?

ROSÁLIA

Toda esta cena foi imaginada por mim, para experimentar o grau de sua confiança.

MACEDO

Pode ficar certa, Rosália, de que não desconfio de coisa alguma; mas se a senhora desconfia que eu desconfio, peço-lhe que me perdoe.

ROSÁLIA

Está perdoado. Vá buscar os homens.

MACEDO (*levantando-se*)

Que homens?

ROSÁLIA

Os homens que têm de desarmar e remover o guarda-roupa.

MACEDO

Agora?

ROSÁLIA

Já, já, já! Não quero que aquilo fique em casa esta noite. Agora ainda mais raiva lhe tomei.

MACEDO

Mas amanhã temos tempo...

ROSÁLIA

Ai, mau! o senhor sabe como eu sou caprichosa! Quando quero, quero!

MACEDO

Lá vou, lá vou! Ora os meus pecados!

ROSÁLIA

Aí vem justamente um bonde. Vá, ande!

MACEDO

Padre, Filho, Espírito Santo!

(Sai. Rosália vai para a janela, e, depois de algum tempo, como tranquilizada por Macedo ter tomado o bonde, corre a abrir o guarda-roupa. Ernesto sai muito pálido, cruza os braços e contempla-a)

CENA IV

Rosália, Ernesto.

ERNESTO

Ouvi tudo. A senhora é de muita força!

ROSÁLIA

Sou mulher.

ERNESTO

E assim se brinca com os nervos de um homem! Sabe que mais? O silêncio e a sombra daquele armário prestam-se admiravelmente à reflexão; esta vida de contínuos sobressaltos não pode continuar: oferecem-me um lugar vantajosíssimo em São Paulo; peço-lhe permissão para aceitá-lo.

ROSÁLIA

Ora essa! o senhor é solteiro... é livre como os pássaros.

ERNESTO

Com que frieza me diz isso!

ROSÁLIA

Naturalmente. Este minuto bastou para desfazer uma impressão de muito tempo. Supus que o senhor saísse do seu esconderijo entusiasmado pela minha astúcia; mas vejo que só lhe pode agradar a vulgaridade, o comum. É muito limitado o seu ideal. Adeus, boa viagem. Felizmente as coisas não chegaram ao ponto de lhe darem o direito de me fazer corar. *(Pausa)* Tem graça! Cruzar Impertinentemente os braços diante de mim, e dizer-me que sou de muita força! Que faria o senhor, se eu tivesse cedido à brutalidade dos seus desejos!

ERNESTO *(descobrimdo-se e preparando-se para se justificar)*

Rosália, eu...

A VOZ DE RIBEIRO

Cá estou entrando.

(Rosália dá um grito. Ernesto foge para o guarda-roupa; ela fecha-o, mas deixa a chave. Ribeiro entra a tempo de vê-la fechar o móvel)

CENA V

Ernesto, no guarda-roupa, Rosália, Ribeiro.

RIBEIRO

Ora Deus esteja... *(Estaca ao ver Rosália fechando o móvel)*

ROSÁLIA *(voltando-se)*

Esteja aonde? arrependeu-se?

RIBEIRO

Nada... é que...

ROSÁLIA *(aproximando-se dele)*

Então? Não me fala? Como passou?

RIBEIRO

Bem, obrigado. E a senhora?

ROSÁLIA

Boa. Estou-o achando assim com uns modos...

RIBEIRO

É que... (*Rindo-se*) Ora! eu sempre sou um grande pedaço de asno!
(*Sentando-se*) Tratemos de outra coisa... (*Depõe o chapéu*)

ROSÁLIA

Mas, por enquanto, não tratamos de coisa alguma.

RIBEIRO

Pelo que vejo, a madama e a pequena ainda cá não chegaram?

ROSÁLIA

Não.

RIBEIRO

Não devem tardar... Fiquei de vir ter com elas aqui... andam a fazer compras... a preparar o enxoval... Saíram de casa resolvidas a vir jantar com a senhora.

ROSÁLIA

Mas o senhor parece-me assim um tanto embaraçado...

RIBEIRO

Uma tolice.

ROSÁLIA

Qual?

RIBEIRO

A senhora vai ou rir-se ou zangar-se. Das duas uma.

ROSÁLIA (*sentando-se*)

Deveras?

RIBEIRO

Como sabe, vou casar a pequena; mas o noivo repugna-lhe.

ROSÁLIA

Sim?

RIBEIRO

Faça-se de novas. A senhora sabe disso tão bem ou melhor do que eu.

ROSÁLIA

Efetivamente sei que Belinha tem certa inclinação...

RIBEIRO

...muito pronunciada. (*Tira uma carta do bolso*) Hoje, depois que elas saíram, apanhei esta carta nas mãos da cozinheira... Veja se isto são coisas que se escrevam! (*Lê*) "Meu Alfredo". É o tal.

ROSÁLIA

Alfredo Lemos, um excelente rapaz.

RIBEIRO (*lendo*)

"Meu Alfredo. Não sou bastante forte para resistir à vontade de meu pai. As minhas lágrimas e as considerações de minha mãe não tiveram eloquência bastante para demovê-lo de sua tirânica resolução". Eu, tirano! "Mas tu, a quem adoro mais que à própria vida; tu, que és o meu Deus e o meu tudo, conta sempre com o meu amor, antes e depois desse comércio infame, que se vai chamar o meu casamento. Tua Isabel". Que lhe parece, minha senhora?

ROSÁLIA

Parece-me que o senhor não deve constrangê-la.

RIBEIRO

Isto copiou ela sem dúvida desses romances indecentes, que só servem para transtornar o juízo às raparigas. Não foi outra coisa. Mas vamos ao caso; isto foi apenas uma preliminar: o outro dia esteve em nossa casa um moço por nome Alberto, que me arrancou às garras da morte, ou antes, às rodas de um bonde. Vem a dar no mesmo... (*Reparando no guarda-roupa e erguendo-se*) Esta é que é a tal almanjarra de que me falou o Macedo? (*Aproximando-se do móvel*) Na realidade é enorme. (*Vai a abrir*)

ROSÁLIA (*com um grito*)

Não abra!

RIBEIRO

Desculpe.

ROSÁLIA (*perturbada*)

Acabe de contar a história do moço que o livrou das garras do bonde.

RIBEIRO

Ou das rodas da morte... lá vai... (*Senta-se*) Participando eu ao tal Ernesto...

ROSÁLIA

Ernesto?

RIBEIRO

Conhece-o?

ROSÁLIA

Não... é que...

RIBEIRO

Ahn?

ROSÁLIA

O senhor tinha dito Alberto.

RIBEIRO

É que sempre me engano... Seja que santo for, *ora pro nobis*.
Participando eu ao tal Alberto...

ROSÁLIA

É Alberto ou Ernesto?

RIBEIRO

Ernesto, Ernesto, é... (*Pausa*) Ernesto ou Alberto. Participando-lhe eu que ia casar a Belinha, contra a sua vontade, com o Comendador Domingos Bastos, que ele conhece, aconselhou-me a que não contrariasse a pequena... e mais isto, e mais aquilo... E, para dissuadir-me do meu propósito, contou-me a história de um guarda-roupa.

ROSÁLIA

De um guarda-roupa?

RIBEIRO

De uma almanjarra como aquela que também não cabia em nenhum dos quartos da casa...

ROSÁLIA

Sim?

RIBEIRO

Num dia em que o Alberto, quero dizer, o Ernesto, estava num doce colóquio com certa senhora casada, teve que se esconder no guarda-roupa, para não ser surpreendido pelo dono da casa.

ROSÁLIA

Mas por que me disse que eu havia de rir-me ou zangar-me?

RIBEIRO

Ah! eu lhe digo... Ao subir as suas escadas, vinha exatamente pensando nesse episódio galante... e, quando entrei nesta sala, e dei com a senhora a fechar, pressurosa, o guarda-roupa, quase me convenci de que...

ROSÁLIA (*com um riso forçado*)
Ah! ah! ah! que ideia!

RIBEIRO
Aí está; a senhora riu-se, não se zangou; melhor... Perdoe... foi uma impressão passageira... e tudo se desfaz desde que se abra o móvel.
(*Vai abri-lo*)

ROSÁLIA (*com um grito*)
Não!

(*Corre a defender o guarda-roupa. Ribeiro fica perplexo. Entram Joana e Isabel*)

CENA VI

Ernesto, no guarda-roupa, Rosália, Ribeiro, Joana, Isabel.

JOANA
Vamos entrando, Dona Rosália.

ROSÁLIA
Dona Joana... Belinha...

ISABEL
Que tem, Rosália?

JOANA (*apertando-lhe a mão*)
É verdade... está tão pálida... como treme!

ROSÁLIA
Enganam-se... não tenho nada... Deem-me os seus chapéus.

JOANA

Daqui a pouco. Deixe-me descansar um instante. (*Senta-se*) Temos andado numa dobadeira por causa do casamento.

RIBEIRO

Pois não se afadiguem por isso. Temos tempo... temos muito tempo...

JOANA

Espero que Belinha seja feliz. A princípio derramou um oceano de lágrimas, mas afinal... como por milagre...

RIBEIRO

O milagre está explicado nesta carta. Leia, e diga-me depois o que é feito de nossa filha... de sua filha! (*Dá-lhe a carta*)

ISABEL (*reconhecendo a carta, com um grito*)

Ah!

JOANA (*erguendo-se*)

Manuel... Belinha... Que quer isto dizer?

ISABEL

Oh! que vergonha! (*Esconde o rosto no ombro de Rosália*) Rosália!

RIBEIRO

Pena tenho eu que não esteja aqui mais gente... quisera pôr em exposição a desalmada que escreveu isso!

ISABEL (*com o rosto escondido e sufocada pelas lágrimas*)

Perdoe, papai!

JOANA

Seja qual for o conteúdo desta carta, Manuel, o seu procedimento não é digno de um homem de bem. Se houvesse uma nódoa nos

sentimentos daquela criança, lavá-la-iam as águas que correm daqueles olhos.

RIBEIRO

Não esteja a dar-me sentenças, senhora doutora; leia a carta e depois fale.

JOANA

Se é criminoso este papel... (*Rasga a carta*) No senhor, mais do que em ninguém, deve recair a culpa desse crime.

RIBEIRO (*baixinho*)

Daqui a pouco ficarás satisfeita com teu marido; mas vai lá para dentro, e leva contigo Dona Rosália e a Belinha.

JOANA (*baixo*)

Por quê?

RIBEIRO

Dentro daquele guarda-roupa há contrabando... Tudo te direi depois. Retirem-se: quero evitar um escândalo.

JOANA

Não percebo. (*A Rosália*) Dona Rosália, leve nos ao seu quarto de toaletes.

ROSÁLIA (*sem se mover*)

Pois não.

(*Olha para o guarda-roupa. Ribeiro faz-lhe um sinal de inteligência. Ela aproxima-se dele*)

RIBEIRO

Tranquilize-se.

ROSÁLIA

Façam favor. (*Indica o caminho às visitas. Saem as três senhoras*)

CENA VII

Ribeiro, Ernesto, depois Rosália.

(Ribeiro, mal se apanha só, olha para todos os lados, e vai abrir o guarda-roupa)

ERNESTO *(saindo)*

Meu caro senhor Ribeiro, não me perca! Ouvi tudo!

RIBEIRO

Perdê-lo eu, quando o senhor, além de me salvar a vida, salvou-me a honra! É justo que eu o salve também. Uma almanjarra por um bonde!

ERNESTO

Se soubesse... Dona Rosália e eu tínhamos acabado de cortar as relações quando ouvimos a sua voz no corredor... Juro-lhe que vou para São Paulo, onde me espera um emprego vantajoso.

RIBEIRO

Ora ande lá, prometa não cair noutra.

ERNESTO

Não prometo para não faltar. Mas a lição foi poderosa. Adeus. Ah! antes de sair... Creia, senhor Ribeiro, creia que as minhas relações com esta senhora nunca foram além de inocentes colóquios...

RIBEIRO

Ainda bem.

ROSÁLIA *(entrando com altivez)*

Não saia, sem saber que a notícia da sua indiscrição me deixa inteiramente tranquila no tocante à natureza dos sentimentos que de hoje em diante possa nutrir a seu respeito. *(Dá-lhe as costas e desce ao proscênio)*

RIBEIRO

Muito bem... muito bem... é muito conveniente que tenham queixas um do outro. (*Ernesto quer aproximar-se de Rosália; Ribeiro impede-o*)
Vá, vá para são Paulo, senhor Ernesto.

ERNESTO (*muito comovido*)

Ribeiro. (*Aperta-lhe a mão e sai. Rosália cai numa cadeira, esconde o rosto nas mãos*)

RIBEIRO

Não chore, Dona Rosália; faça de conta que nada disto aconteceu... Conte com a minha descrição. (*Para dentro*) Psiu! menina! venha cá! (*A Rosália*) Ature o Macedo como Deus o fez e lhe entregou. É mais nobre o cumprimento do dever quando custa um sacrifício. (*A Isabel, que entra enleada*) – Vem cá, minha filha... Dá cá um abraço... Casa-te com quem bem te parecer, ouviste? Escolhe um noivo a teu gosto!

ISABEL

Que está dizendo, papai? Pois consente que eu me case com o Alfredo Lemos?

RIBEIRO

Com ele ou com outro qualquer. Isso é contigo. És dona do teu coração.

ISABEL

Oh! que felicidade! (*Indo ao encontro de Joana, que entra*) Mamãe! mamãe! papai consente que eu me case com ele!

JOANA

Teu pai põe as barbas de molho, minha filha; faz muito bem.

MACEDO (*entrando com os dois homens*)

Entrem! Olá! como isto está floreado! Eh! eh! eh! (*Rosália, ao ouvir a voz de Macedo, levanta-se e forma um grupo com as outras duas senhoras*)
Desarmem o bicho!

(Os dois homens dirigem-se para o guarda-roupa e preparam-se para desarmá-lo)

RIBEIRO

Então vais desfazer-te da almanjarra?

MACEDO

Queres saber de uma coisa engraçada? Minha mulher quis hoje fazer-me crer que tinha escondido um namorado lá dentro! Eh! eh! eh! eh! eh!...



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com